

APRESENTAÇÃO

Como indica nossa tradição, o Editorial da Revista TRABALHO & EDUCAÇÃO expressa o posicionamento do coletivo que a produz sobre recentes acontecimentos em nossa vida social e política. Nada mais apropriado do que convidarmos um antigo colaborador, pesquisador experimentado e, reconhecidamente, pensador das relações políticas do Brasil contemporâneo, para problematizar o assunto em pauta de um ponto de vista singular, mas representativo de uma geração de intelectuais críticos e atentos à realidade que se nos apresenta no país.

João dos Reis Silva Júnior (UFSCar) é o nosso convidado e se interroga acerca dos entrelaçamentos entre os três poderes, a mídia nacional e os interesses socioeconômicos subjacentes a ela e aos fatos ocorridos na política nacional. Nada se perdoa do seu ponto de vista, mas também nada é muito novo e tem suas raízes na cultura política que organiza nossa vida social. Sem querer ser definitivo, ao inquirir o perene que atravessa nossas instituições e práticas políticas, o autor deixa em aberto, em suspensão, as interrogações acerca de quais rumos tomarão as instituições políticas brasileiras. O(a) leitor(a) saberá colher, nas reflexões, indagações e provocações feitas, as pistas para seus próprios questionamentos e elaborações acerca dessa realidade, histórica, contraditória e inexoravelmente, a nos dizer para “deixar as barbas de molho” e cuidar muito bem delas.

Nesse contexto, a Revista segue sua trajetória, sem descuidar dessas questões e do que elas significam, em termos das contribuições que pode oferecer e daquilo que pode colocar em evidência na construção de uma formação social articulada e plena de democracia, de cidadania, construída, de fato, pelas pessoas e não a partir de interesses manipuladores delas.

Neste número que chega às mãos (e aos olhares) dos(as) nossos(as) leitores(as), publicamos, a partir da página 117, o Dossiê *A DINÂMICA DA PRODUÇÃO E A CIRCULAÇÃO DE SABERES: ENTRE O TRABALHO E A FORMAÇÃO*, que trata, especialmente, da circulação de saberes entre trabalho e educação e os problemas decorrentes que circundam essas esferas, quando assumem que não apenas a atividade de pesquisa produz conhecimento socialmente válido. Não é apenas a questão de onde, como, quem e em que circunstâncias se produzem saberes e como estes circulam em redes socioeconômicas, mas que saberes diversos se produzem na experiência humana do trabalho dos dias e circulam nos diversos territórios humanos, colocando desafios, convocando relações de tipo novo e implicando os sujeitos individuais e coletivos, bem como outras instituições socioculturais e econômicas para um debate sobre o viver em comum. Ao cartografar, minimamente, tais saberes, como fazem de modo singular os artigos reunidos no dossiê, num recorte possível, mas, em definitivo, jamais exaustivamente e de modo único, podemos compreender os interesses políticos, éticos e epistemológicos em jogo nas relações sociais.

E é preciso chamar a atenção para os muitos fundamentos que atravessam as relações entre trabalho e educação nos convocando ao debate.

Fontes teórico-metodológicas diversas atravessam e fomentam o debate aqui circunscrito: das contribuições históricas de Marx, imprescindíveis, às inspirações do pragmatismo anglo-saxão sobre o lugar e a riqueza da experiência; das reflexões benjaminianas, articulando passado e presente dos saberes inscritos na memória social e individual, às instigantes contribuições da abordagem ergológica do trabalho enquanto atividade humana articulando saberes instituídos e instituintes nas diversas configurações históricas, no aqui e no agora das situações de trabalho.

Curiosamente, por sua vez, os artigos de demanda espontânea que compõem este número apresentam uma coincidência temática com a organização articulada em dossiê pelas pesquisadoras gaúchas, o que acaba por não ser simples acaso. Há uma tensão permanente, por demais conhecida na educação brasileira após as contribuições de Paulo Freire, entre os currículos e as disciplinas escolares propostos com base numa apropriação das disciplinas socialmente reconhecidas como científicas e o saber prévio macerado na experiência social de jovens e adultos. Desse debate decorre uma lenta transformação da escola brasileira, tornando-a mais afeita ao problema da inclusão social em todos os seus níveis e modalidades. O que não é estranho às veias abertas na América Latina, onde a educação popular deita amplas raízes. Os artigos podem então ser lidos aleatoriamente e, quando associados, desvelam outros muitos vínculos possíveis entre trabalho e educação, mediados pela temática dos saberes.

Ana Cristina Serafim e Joelma Sirqueira Pereira, no artigo *O trabalho infanto-juvenil na agricultura no município de Tocantinópolis*, procuram identificar o perfil das famílias e dos jovens e crianças inseridos no mundo do trabalho rural no município de Tocantinópolis. As autoras constatarem que o trabalho infanto-juvenil é fonte de sofrimento, visto que as crianças e os adolescentes deixam atividades de lazer e até os estudos para poderem trabalhar. Apontam também para os riscos físicos, químicos e psicológicos a que estão expostos os jovens e as crianças. Por outro lado, o trabalho na lavoura também é apontado como meio de ajuda à família para garantir sua sobrevivência.

A relação de jovens mulheres com o trabalho formal e a formação profissional foi o foco do artigo *Trabalho e educação: o cotidiano das mulheres jovens na esfera da reprodução social em Santa Terezinha de Itaipu – PR*, de Rejane Aparecida Bianchini. Abordando a relação entre trabalho e educação, a autora discute as condições concretas de inserção e permanência no trabalho e no sistema de ensino de trabalhadoras dos setores de comércio e serviços do município de Santa Terezinha de Itaipu. No artigo, são analisadas as possibilidades e os limites da formação profissional para essas jovens, assim como as condições objetivas para (re)inserção ou evasão do sistema escolar. Os resultados trazem à tona uma multiplicidade de variáveis que determinam as condições de vida dessas jovens.

No artigo de Sérgio Manuel Merêncio Martins, *À contracorrente. Educação, memória e urbano no encontro do diálogo com a realidade*, o autor propõe um debate dos temas indicados no subtítulo centrando-se na dialetização do conhecimento com a vida, com as condições historicamente concretas e específicas nas quais os indivíduos se constituem e se movem.

Ainda nos artigos de demanda espontânea, a importante contribuição de Yves Schwartz inaugura este número da Revista. Retomando a obra de seu mestre, Georges Canguilhem, Schwartz trata de questões sobre a formação profissional em *Concepções de formação profissional e dupla antecipação*, trabalho apresentado por ocasião do XX Colóquio da Secção Portuguesa da AFIRSE (*Association Francophone Internationale de Recherche Scientifique en Education*), realizada em Lisboa, em 2013. Se, por um lado, a similitude do meio nos permite, em uma primeira antecipação, acumular de forma normativa saberes em desaderência à diversidade de cada aqui e agora, buscando neutralizar as singularidades das situações de trabalho, por outro, uma segunda antecipação é convocada para implicar os debates, as dramáticas e as formas de eficácia que reconvocam os patrimônios de saberes, retrabalhando os procedimentos, as referências e os conceitos da primeira antecipação. Eis a noção de dupla antecipação que neste texto Schwartz coloca em ação nos cinco exemplos que nos apresenta e na síntese em seis pontos com a qual conclui.

Antônio de Pádua Nunes Tomasi e Jane Eyre Rios de Macêdo Ferreira, no artigo *Engenheiro ou operário? O Lycée Martin Nadaud e a formação profissional na França*, ao lançarem mão de depoimentos de alunos de um liceu profissional e técnico francês para discutirem qual é o papel atribuído à escola e à família no caminho escolar tomado por estes jovens, evidenciam como a escola francesa, igualitária, trata desigualmente os filhos das populações mais pobres e os encaminham para cursos de formação profissional, enquanto destinam a formação superior aos filhos das classes mais abastardas. Abordam como o sistema escolar, sob o argumento do mérito, que isentaria a escola de responsabilidades nos caminhos profissionais tomados pelos jovens, reproduz a classe operária francesa. Esta contribuição nos convida a refletir sobre a complexidade das relações trabalho-educação em outra realidade nacional.

Mariana Veríssimo abre nossa seção de RESUMOS de teses e dissertações. Em *O saber investido pela atividade de trabalho no "corpo-si": a experiência de escrita dos trabalhadores estudantes de uma indústria no Brasil*, a autora "aborda a atividade de escrita como potencializadora da fabricação de saberes que são investidos no 'corpo-si' e reinvestidos na atividade pelo 'corpo-si'", partindo da análise da experiência de escrita de monografias por *trabalhadores-estudantes*. Não por acaso, trata dos saberes investidos no corpo-si desses trabalhadores, sob a perspectiva de referencial da Ergologia, buscando compreender as consequências da atividade da escrita para eles, levando em conta as suas possibilidades potencializadoras desses saberes.

Em seguida, Aline Gabriele Pereira trata d'*Os tempos e espaços do gestor escolar em formação na Educação a Distância*, ao investigar os modos como os gestores em formação no Curso de Especialização em Gestão Escolar da Fae/UFMG, ocupam e utilizam esses tempos e espaços. Como interlocutora privilegiada, já que é assessora do referido curso, a autora mergulha no universo da atuação de alunos egressos, nos anos de 2008 e 2010, e nos apresenta, não só a configuração do curso "e a forma como foi implementado", como também explícita, a partir da análise de 260 questionários e 15 entrevistas semiestruturadas "os fatores que facilitam e/ou dificultam a realização da formação continuada na modalidade EaD; o

trabalho do gestor escolar e as particularidades de ser um trabalho majoritariamente feminino; e a relação entre tempo de trabalho e tempo livre”.

O trabalho (e os saberes, de forma indireta) do gestor escolar e de alunos egressos do Curso de Especialização em Gestão Escolar também é objeto de Mirian Queiroz de Souza Daniel que, em *A gestão escolar da Educação Básica: a construção da gestão entre a formação e o trabalho*, analisa 59 trabalhos de conclusão de curso (TCCs) desses alunos, procurando apreender, no discurso dos alunos, os vários aspectos “sobre os processos da gestão escolar. Considera, nesse processo, “as variáveis relacionadas ao trabalho do gestor no contexto da gestão e à formação dos processos de trabalho do gestor escolar”. Os resultados de sua investigação apontam, entre outras coisas, “que a autonomia escolar, para que seja efetiva”, precisa “contar com a participação efetiva da comunidade escolar e com um suporte dos órgãos públicos na capacitação, formação e demandas que surgem no dia-a-dia da gestão escolar”.

Na linha do contraditório e, por consequência, do enriquecimento da discussão da gestão relacionada à educação, Arlete Ramos dos Santos apresenta uma análise da “gestão educacional do MST, sob o enfoque da burocracia estatal capitalista, como elemento de contradição, tendo em vista que esse Movimento luta por um paradigma de sociedade que diverge do Estado”. Em *“Ocupar, resistir e produzir, também na educação!” O MST e a burocracia estatal: negação e consenso*, a autora constata, com base no marco conceitual a partir do qual é definido o que se pode chamar de *burocracia* e na análise dos dados considerados no seu estudo, “que a forma de organização, coordenação e sistematização do MST não se encaixa nesse termo”. Ao ampliar o espaço da sua investigação e recorrer aos dados de questionários aplicados e de entrevistas semiestruturadas realizadas, confirma “que o MST, em todos os setores, encontrou uma nova forma de organicidade que difere do que se define como burocracia”, algo que pode materializar a hipótese da *Racionalidade Coletiva*.

Neste número da Revista TRABALHO & EDUCAÇÃO não publicamos a seção RESENHAS, por uma contingência própria do processo de editoria e publicação do periódico e, mesmo, pela ausência de demanda para tal. Retomamos a seção no nosso próximo número.

Grande abraço e boa leitura a todos(as).

Daisy Moreira Cunha¹

Natália Valadares Lima²

Ailton Vitor Guimarães³

¹ Pós-doutorado no CNAM-Paris; Doutorado em Filosofia pela Aix-Marseille Université. Professora Associada e Coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social/FaE/UFMG. E-mail: <daisy-cunha@uol.com.br>.

² Mestranda em Educação pela FaE/UFMG na na Linha de Pesquisa Política, Trabalho e Formação Humana. Assistente em Administração do CEFET-MG. E-mail: <natvlima@gmail.com>.

³ Doutorando em Educação pela FaE/UFMG na Linha de Pesquisa Política, Trabalho e Formação Humana. Professor do CEFET-MG. E-mail: <vitor@deii.cefetmg.br>.